

Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 2 de Maio de 1981 * Ano XXXVIII — N.º 969 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTA DA QUINZENA

Mais duas mães e um pai a pedirem para internarmos os seus meninos. Não por dificuldades económicas, mas — que não os dominam, fogem da Escola e de casa, só procuram más companhias, roubam dentro e fora. «Nós pagamos.» Ora o dinheiro nada vale quando é necessário rasgar o coração e amar até ao fim. Quem está habituado a resolver os problemas só com meios materiais, sente-se naufragado quando surgem as águas profundas do amor, da tolerância e do perdão. Falta o pé.

Em muitos casos, os meninos têm tudo o que precisam

e desejam — menos uma tarefa diária, obrigatória e responsável.

Ócio mais o acesso fácil a toda a sorte de distrações e espectáculos que falseiam a vida real criando insatisfação.

Mais o largar de mão da parte dos pais, sem tempo para os filhos.

Mais solicitações duma sociedade mais apta a seduzir do que a educar — empacotando, na mesma linha de frieza e ambição do lucro, as ervilhas, o sexo e a droga.

Mais sal que não salga de tantas comunidades cristãs.

Se dói o olhar vazio de tan-

tos jovens sem rumo e sem destino, dói, também, o semblante triste de muitos pais que puseram toda a sua força e coração no lar que construíram, nos filhos que nasceram em alegria, cresceram em carinho e, depois, tudo descarriou e ruiu... esses filhos viraram costas, seguiram pela rua sem olhar, uma só vez, para os vultos silenciosos e amargurados dos pais.

Uns culpam estes; outros, aqueles; muitos, a sociedade.

Ora, é verdade que todos nós temos culpas. O próprio ambiente, alimentação e climas.

Há dias escreveu-me um

comerciante, a sangrar. Sua filha de 17 anos, inteligente e bonita se suicidou. E ele não tem pejo de bater no peito, pois reconhece que na febre quotidiana de pesar quilos de açúcar e arroz — a abandonou a si própria.

É doloroso... sentimos com tantos pais este drama de todos nós.

As duas mães e um pai em aflição pelo comportamento de seus filhos, dizemos que não podemos demitir-nos; e não devemos confundir liberdade com licença para cada um fazer o que lhe apraz. Também a urgência em tomar, e reflectir profundamente sobre a nossa responsabilidade de pais e educadores. Em nossas Casas, dá bons frutos a tarefa diária pela qual cada um é responsável e o equilíbrio entre o dar e o exigir.

Padre Telmo

FESTAS

Já vai longa a caminhada das Festas. Em todas as terras temos recebido o mesmo carinho, a mesma alegria... Os nossos amigos nunca falham.

Durante a Semana Santa estivemos nas Cadeias do Norte. Ai, pode-se dizer, foi ainda mais vibrante o entusiasmo. Temos o maior gosto em levar a nossa mensagem Pascal àquelles que atravessam um período difícil das suas vidas.

Neste nosso contacto com as Cadeias trazemos para Casa a impressão dolorosa do encontro com tantos presos jovens. Nos últimos anos muitos temos encontrado a cumprir as suas penas.

Pela maneira como somos recebidos nas Cadeias, trazemos reforçada a certeza de que em todos os homens há uma direcção positiva no fundo deles próprios, seja qual for o desequilíbrio das suas vidas.

Os «Batatinhas» habituados a aplausos calorosos, encontram nos reclusos o maior calor. Sinal de uma sensibilidade viva, apesar de tudo.

Cont. na 4.ª página

AQUI, LISBOA!

● A Páscoa é, por excelência, a festa da Vida. Para lá de celebrações mais ou menos faustosas, ao nível litúrgico, social ou familiar, importa que ela implique uma opção de princípios, com o rumo adequado e as implicações inerentes. Ao contrário, poder-se-á falar de alienação e de encaenação inconsequente.

Impõe-se, pois, numa linha de coerência e de autenticidade, que a Páscoa aconteça na vida de cada homem e da sociedade em geral. Santo Ireneu referia-se à glória de Deus no homem vivente e, se cada homem que vive é, em determinado sentido, um «sacramento» da Ressurreição, isso só será, porém, viável e real, se Jesus Ressuscitado for testemunhado, aqui e agora, como sinal da Sua vitória sobre a morte.

Mil milhões de pessoas passam fome no Mundo, sendo essa a causa directa da morte anual de cinquenta milhões de seres humanos, dos quais doze milhões são crianças. A esperança média de vida é fortemente diminuída pela má nutrição, que leva aquela a não ultrapassar os 45 anos em África e os 55 na Ásia. A força da morte impera sobre a força da vida, muitas das vezes por causa da ganância do lucro ou pelo egoísmo feroz que reina

no coração dos homens. Toneladas de géneros alimentícios são destruídas ou deixam-se apodrecer propositadamente.

Segundo dados referentes a 1975, Portugal é o País da Europa com maior mortalidade infantil: 38,9/1000, o que significa morrerem, em cada dia que passa, 10 crianças. Noutros, no chamado Terceiro Mundo, esses valores ultrapassam 50/1000.

Fala-se em «Saúde para todos no ano 2.000» e, a propósito do «Ano Internacional da Criança» glosou-se o tema «Saúde da Criança, futuro do Mundo». O certo é que a maior parte da mortalidade infantil é consequência da fome ou da subnutrição e de doenças banais. Muitos dos homens vegetam, sem alimentação adequada, sem habitação, parasitados e sujeitos às mais graves infeções, sem escola e sem promoção educacional.

Em Portugal, infelizmente, dispomos de dados muito precários, que o recente censo, certamente, não poderá modificar muito. Entretanto, mais do que o rendimento per capita, o P. N. B. e outros índices de desenvolvimento económico, outros, mais expressivos, nos darão uma ideia das nossas débeis condições de vida. Assim, para lá dos dados

acima expressos, sabemos que o saneamento básico deixa muito a desejar (71% das habitações não possuem água corrente); que 19% da população consome proteínas abaixo dos valores considerados necessários; que há três milhões de analfabetos; que há apenas 40.000 crianças frequentando o ensino infantil, numa base não oficial, para 1.200.000 em idade de o frequentar; que só 2,8% das crianças dos 6 aos 13 anos têm acesso aos tempos livres; que 74% dos médicos estão concentrados em Lisboa, Porto e Coimbra, para 30% da população, enquanto os 70% restantes dispõem apenas de 26% de clínicos; que em 1977 houve 22.324 partos sem assistência; que em 1960, Portugal apontava 168 mil crianças dos 10 aos 14 anos a trabalharem o dia inteiro, sobretudo na indústria têxtil; etc.

Cont. na 4.ª página



Um recanto florido da nossa Casa do Gaiato em Santo António do Tojal (Loures)

PELAS CASAS DO GAIATO

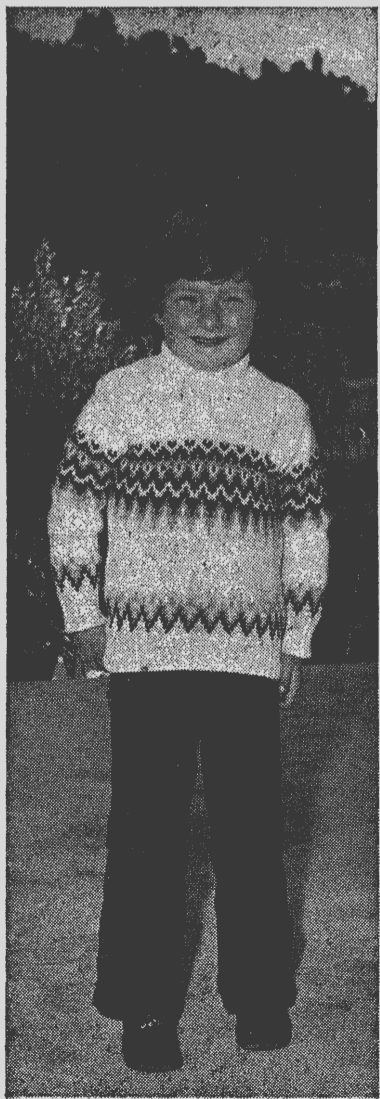
MIRANDA DO CORVO

PASCOA — Só o cristão pode compreender e entrar a fundo nos mistérios deste tempo de reflexão acerca do momento culminante de toda a doutrina cristã.

Em nossa Casa, a preparação da Páscoa começou com a ida de alguns de nós, primeiro os mais velhos, depois os mais novos, a dois retiros no Seminário dos Combonianos, em Coimbra. Foram três dias em que cada qual procurou encontrar uma resposta para o seu ideal de vida, aprofundando conhecimentos sobre o papel da Igreja na sociedade e o compromisso de cada um em afirmar o testemunho cristão.

Depois de reconciliados e com novas forças para tentar renascer mais uma vez, chegou finalmente o dia de Páscoa, celebrada em maior clima de festa, pois foi o dia do casamento do António Martins e da Maria Laura, agora mais um pequenino rebo de desta grande família, aqui em Miranda do Corvo.

Desde o levantar que havia grande azáfama nas lides da casa. Depois da celebração da Missa, seguiu-se o banquete. O refectório era pequeno para tanta gente, mas tudo ficou com o apetite saciado e alguns até se alargaram, visto que todos os pratos estavam muito bem confeccionados. Seguiu-se uma tarde alegre e julgo que é esta alegria que nós devemos desejar aos noivos, para que saibam sempre enfrentar as dificuldades que a vida lhes reserva. E muitas felicidades.



Emanuel filho do «Braguita» e da São

FESTAS — Agora, que o tempo escasseia, só se ouve falar em Festas. Os ensaios requerem um ritmo acelerado, embora agora sejam apenas ensaios gerais. A malta, cá em Casa, tem andado muito atarefada. Há sempre alguma falha a corrigir.

AGRICULTURA — Hoje, na distribuição do trabalho, fizeram-se vários grupos para determinada missão. Alguns partiram para a sementeira da batata, embora já com algum atraso, devido à chuva que tem caído, mas a processar-se da melhor maneira. Os restantes meteram mãos às ervas daninhas que começavam a dar um aspecto feio à nossa vinha. É um batalhão e parece que não há erva que resista às enxadas dos mais velhos e aos ferros dos mais pequenos! É um trabalho muito bom, mas tem que ser feito com o maior cuidado, porque entre as fileiras da vinha há batata semeada e não se pode pisá-las ou arrancá-las.

Joãozinho

Calvário

JORGE — Tinha 14 anos quando deu entrada no Calvário. Esteve conosco durante 15 anos aproximadamente. Meningite aos 6 meses, deixou-o entre a vida e a morte. Esteve em coma. Mas não foi nessa altura que Deus o quis para Si. Fisicamente ficou gravemente afectado. A única coisa agradável para quem o via, completamente tolhido, eram os seus olhos sempre vivos e um sorriso quase permanente.

Com a ténue esperança de melhorar o seu estado físico, ou por outra razão, ele veio de Timor. Entretanto, outros dramas na família: O pai sai de Timor, emigrando. Mais tarde, os três filhos que ele deixara junto da mulher, foram fuzilados. A mulher, entretanto, vai com outro homem para outro País.

Com estas pinceladas da história do Jorge e, sobretudo, da sua família, valeu a pena ele estar conosco durante estes anos todos. Ao menos tinha um inocente sorriso para dar a quem dele se abeirava, especialmente para o lavar, mudar de posição na cama; e a grande dificuldade que ele sentia em ingerir os alimentos e também as «borrifadelas» com que mimoseava as pessoas que lhe chegavam os alimentos à boca! 29 anos de sofrer inocente. A nossa convicção é que, tal como em tantos outros semelhantes ao Jorge, temos uma luz mais a brilhar, juntando-se ao número já grande daqueles que, consciente ou inconscientemente, nos deram tanto sem paralizações! Deus achou por bem acabar com o sofrer do nosso Jorge.

PASCOA — Nunca é tarde para se falar da Páscoa. Porque o estoirar de foguetes, a refilice de que a Missa deve ser abreviada, etc., tudo isto passa. Para o ano, pese embora o custo de vida, haverá mais foguetes e, talvez, o mesmo interesse, que o mais importante é o aspecto exterior...

Com estas linhas não tenho a pretensão de ser sopro que anima. E também é certo me considerar impotente em descortinar qual o rumo que os homens desejam ao festejarem assim a Páscoa. Eu, por minha fraca intuição, continuo a acreditar que a Páscoa foi, é e será uma resposta às esperanças e anseios de tanta gente.

Grandes coisas fizeram homens que nos antecederam, sem alardes exteriores, na simplicidade activa e preocupante que tornaram as suas vidas sem medo do silêncio. Porque permitia (permite ainda hoje, apesar da contaminação a que estamos sujeitos) entrar dentro a reflexão profunda. Todos nós precisamos dela.

Na Semana Santa nós assim procurámos fazer. Graças a Deus que não tivemos barafundas nem atropelos. Mesmo na Vigília Pascal, com toda a simplicidade, aproveitámos o silêncio da noite... Como gostaríamos que não tivessem deitado foguetes, mesmo nessa noite!

Nunca rejeitámos as avezinhas durante o Inverno. Na altura das cerimónias, durante a Semana Santa, elas cantavam ao Criador melodias variadas e afinadas para atenuar a nossa fraca inspiração musical. Mas exultemos — apesar de tudo — em Cristo ressuscitado!

Manuel Simões

Notícias da Conferência de Paro de Sousa

● Aquela pobre mulher que precisa de casa, já demos luz verde para adquirir materiais de construção. Agora, tijolos e cimento. Depois, será o resto.

Vai ser ela a comprar, por suas mãos, onde for mais em conta. Assim, terá mais gosto ver a moradia subir, em regime de Auto-construção, com a ajuda de familiares e vizinhos — e na rectaguarda, pelos nossos leitores.

Será mais um motivo de promoção social. Ela que, mai-los filhos, viveu bem e as crianças quase nasceram em berço d'ouro.

Salvo motivos imprevistos, é uma acção que tem de andar, para darmos o mínimo de condições de habitabilidade a esta família desmembrada — pelas consequências do pecado.

Acção arrojada, mas procuramos resolver, assim, um átomo do maior problema do nosso País — a falta de habitações.

Que dizer do último relatório da OCDE e, mais concretamente, para o princípio de 1982, os resultados do inquérito à habitação, que decorre a par do recenseamento da população?!...

● Ele é pensionista. Recebe pouco mais de cinco contos por mês, incluindo já a percentagem da esposa.

Vem pedir um esolarecimento: se, como incapacitada, ela teria direito a suplemente de pensão. É o Ano Internacional do Deficiente...

Como seria moroso andar com car-

tas para lá e para cá, sugerimos ao pobre homem fosse ao Porto colher elementos concretos a um novo departamento — criado por mor da eficácia no Seguro Social. Houve aí quem dissesse que sim, mas recambiaram-no para a delegação doutro departamento onde disseram que não. — «Se já recebe, na pensão, os 20% da esposa não pode receber mais».

O homem chega triste com a discriminação das esposas no contexto de Seguro Social:

— «Há leis muito mal feitas! V. sabe q'ela não pode fazer nada. É muito doente. E os cinco contos não chegam p'ra nós dois, não chegam. Só em *rumédios* gastamos um ror de dinheiro!...»

O desabafo continua:

— «Veja lá, ela agora tem de pagar consultas...! E com os aumentos na mercearia a gente vê-se à brocha — não chega pró caldo!...»

Ainda disse mais, com o coração nas mãos! Fez quase o diagnóstico do problema de muitos casais idosos, cuja subsistência só depende de uma mísera pensão; porque a mulher casada — entregue ao lar — continua marginalizada, sobretudo quando mais precisa de Segurança Social.

Sem desprimor para as demais, há que fazer justiça às Mães que se entregam ao lar até ao fim. Além da sua missão específica — e dura — a sua acção é imprescindível para o equilíbrio da sociedade.

● Já que estamos com a mão na massa, lamentamos que as mães solteiras — com necessidade de vida limpa, inseridas na comunidade — tenham de esmolar os abonos de família!

Entre os casos que nos passam pela mão, temos agora mais um em bolandas — pelo silêncio da Caixa.

A pobre mulher aparece triste, desanimada. — «Inda não responderam!... Veja se escreve mais uma carta...»

Ora se os serviços já têm, há meses, o número de beneficiário do pai, se analisaram e devolveram a cédula da criança, porque não actuam?!

O abono de família não é esmola mas um direito inalienável — que deve ser despachado com a urgência que merece!

PARTILHA — Para ajuda da moradia que vai sair dos caboucos, temos várias partilhas: Marinha Grande, 2.000\$00, pedindo orações por dois filhos «que nos têm dado que sofrer». Amadora, 500\$00 «para ajudar a limpar uma lágrima a essa Mãe e Esposa tão aflita e desgostosa». Assinante 4481, de Lisboa, 400\$00. Ainda de Lisboa, presença vicentina — na hora própria: um cheque de 5.000\$00, «renúncia quase mal pequenina, mas espero que o Senhor a aceitará porque sai de coração vicentino».

Durante a quadra da Páscoa temos ainda a comparência do casal-assinante 17022. Mais um vale de Santarém, que aparece assiduamente: 300\$00. Assinante 1162, a generosidade de sempre. «Uma lisboeta» com «migalha (de mil escudos) para ajudar as despesas da Páscoa», afirma

mais adiante: «Sou vicentina, mas a minha idade, 77 anos, já não me dá actividade para trabalhar, e então, em vós confio, ajudando sempre que possa». Testemunho vicentino!

Rua das Amoreiras, Lisboa, 1.000\$. No Espelho da Moda, ídem, num sobrescrito. Assinante 19177, 100\$00 e «até ao mês que vem, se Deus quiser». O mesmo de Clemente, Porto, que afirma: «Também sou pobre e doente».

Braga, cheque de 500\$00 «a fim de ser canalizado para os mais necessitados». Assinante 24845, 400\$00. Rua da Lapa, Lisboa, metade. Edla, de Coimbra, 1.000\$00. Assinante 5478, 200\$00. Rua da Lapa, Lisboa, mais 3.000\$00 de «gorgetas de um Enfermeiro». Visitante muito amigo e dedicado à problemática da Terceira Idade, 200\$00. Assinante 15429, 500\$00. Por fim, o salário de «Cria-da Maria», que «gostava fosse para grande precisão». Dinheiro sagrado!

Retribuímos, com amizade, votos de santa Páscoa. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Setúbal

VACAS — «Fátima» tem a obrigação da vacaria.

Ele é trabalhador. Tem sido zeloso. Já uma vez o leiteiro o queria enganar na medição do leite, mas ele não se deixou levar. Olha pelo que é seu.

Ele tem assistido ao parir das vacas.

Noutro dia vê um recém-nascido a ser acarinhado pela mãe, e desabafa: «Se todas as mães acarinhassem assim os filhos!»

Ele há quem ande à procura de livros de doutrina. Pois aqui está ela, da autoria sincera e experimentada do nosso «Fátima».

VISITA — Recebemos a visita do Senhor Nuncio Apostólico. Saiu do seu ambiente e veio visitar a nossa Diocese. O nosso Bispo trouxe-o a nossa Casa. Visitou o nosso Lar, percorreu as nossas oficinas, andou pelas instalações da nossa Casa. Cumprimentou os mais velhos e beijou os mais novos. Nós somos da Igreja. Duma Igreja viva, por via dos seus habitantes. «Santuário de Almas» lhe chama Pai Américo.

Ernesto Pinto

FESTAS — Falo-vos das nossas Festas que ainda estão no princípio dos ensaios.

Mas depressa iremos actuar nos palcos. Faltam poucos dias.

Os ensaios começaram bem, com grande entusiasmo da parte da malta. Temos um casal gaiato a ensaiar-nos.

Falando das Festas, vou fazer um pedido: nós, para uma boa caracteri-



SETÚBAL

● Ernesto Pinto tem dado notícias suculentas da vida desta Casa e alimentado assim o interesse e a amizade de quantos, pelo O GALATO, mais e mais estreitam connosco as suas relações. Ele tem sido, apesar da sua falta de saúde, um cireneu cuja doçura me tem confortado e cujo valor só o Pai do Céu apreciará justamente.

Dentro de Casa, mas vivendo fora, e dado o seu jeito peculiar mais a vida dura que o marcou, Ernesto Pinto capta facilmente os aspectos mais fascinantes de cada acontecimento e descreve-os com beleza e profundidade, seduzindo quantos o lêem.

Assim tem sido mantida no jornal a presença desta Casa.

● Conduzido pela mão paternal e carinhosa do nosso Bispo, veio até nós o representante do Papa.

O Papa é hoje a Alegria da Igreja!...

A alegria é um atributo essencial da Igreja. Nasceu na Ressurreição de Jesus. Esta virtude tornou-se mais sensível com João Paulo II.

O Núncio Apostólico, de uma maneira digna, mas muito simples e interessada, trouxe-nos o grande apoio da presença e da palavra do Papa e, por Ele, a de Jesus.

Lê O GALATO «até à última letra» — disse-me, embebido

zação, necessitamos de alguns produtos de beleza, como baton, sombras, lápis, etc.

CONVÍVIO — Nos últimos dias houve grande animação. Em 14 e 15 de Março, estiveram cá dois grupos.

No sábado, 14, um grupo de Seminaristas de Almada, que jogaram futebol, saindo vencedores por 4-3. Neste dia, houve apenas umas horas de trabalho (até às 11.30h) para limpezas e o resto do dia foi por nossa conta.

Almoçaram connosco, e por volta das 5.30h foram embora.

No dia seguinte, domingo, estiveram os Vicentinos que, de modo igual aos Seminaristas, vieram animar-nos.

Nestes dois dias a malta viveu horas de grande alegria, ora entabulando conversa, ora pulando ou até brincando, como acontece nos dias de festa ou de visita.

OBRAS — Continuamos com as obras em nossa Casa, agora na casa 2, que vão bastante adiantadas em relação aos trabalhos na casa 1, «baptizada» no dia das bodas de prata da Casa.

Todas as pessoas que ali trabalham, quer pedreiros, quer ajudantes (rapazes), têm-se esforçado por fazerem o melhor que podem, para que se chegue ao fim, que dará alegria à malta.

Embora ainda não tenham acabado as obras, eles já têm essa alegria e ansia de irem para lá.

Américo João Pinto

e feliz. — «Esta Obra da Igreja, continuou, tem profundas raízes no Povo.» E mais que eu não devo dizer.

Pouco tempo esteve connosco. Visitou as instalações, começando pelo Lar e Oficinas e terminando na Casa do Gaiato, no campo, em Algeruz. O contacto com os rapazes foi reduzido, pois a hora era má. Estavam quase todos para as aulas e trabalho. Só os das oficinas falaram a Sua Ex.^a. Teve para cada um gestos de terna simpatia que me adoçaram a boca.

Despediu-se preocupado, comungando a inquietação mais premente dos padres da rua: — falta de vocações. Homens e mulheres que deixem «barca e rede» e venham, em aventura evangélica, servir os mais pobres; sem estruturas, criando sempre; sem apoios a não ser o de Jesus Cristo.

● Já apareceram os ladrões do nosso gado.

Numa noite, ao que parece, fomos assaltados por dois grupos. No meio do azar, podia ter sido pior. Assim, para não ser grande o escândalo, os dois grupos levaram somente quatro rezes. Se viessem em noites diferentes, ou não se tivessem encontrado, ter-nos-iam roubado oito: quatro cada um.

Nas confissões preliminares revelaram ter gasto, numa semana, quatrocentos contos, em determinada boite.

Ao fim das contas, quem

ganhou com o negócio foi o dono da dita. Nós ficamos sem nada. Os larápios, gente ainda nova, foram para a cadeia.

Tudo se resume em miséria. Miséria a que o mundo se condena a si mesmo. Abrem-se boites; aparecem ladrões; surgem as cadeias. Irrompe, por toda a parte, a insegurança, o desânimo e a anarquia.

Setúbal tem hoje boites em todas as esquinas e cantos. O negócio é rendoso, pois elas continuam a proliferar e a engrandecer!...

Não sei quais são as leis por que se regem tais estabelecimentos, nem qual a autoridade que superintende na abertura ou encerramento dos ditos. O que sei é que as boites são contra o Homem. A abundância delas, na nossa cidade e distrito, são a prova mais evidente da falsidade de um certo progressismo.

Donde vem o dinheiro para tanta desgraça? Terá de vir de qualquer lado! Do trabalho honrado, não. Ninguém acredita.

Virá, sim, do roubo, do assalto e da vigarice.

Não vamos agora falar da horrível escola de crime e degradação que é uma boite! Sabemos, não porque alguma vez tenhamos visto, mas por testemunho de outras pessoas e porque temos de suportar tantos males nascidos nas boites, mas isto ficará para outra vez.

Padre Acílio

Auto - construção

O problema da Habitação requer uma grande espanadela ou simplificação burocrática no processamento de autorizações para a construção de moradias — sem ferir demasiado o necessário ordenamento do território, etc.

As leis, os regulamentos... precisam de se adaptar ao País que somos, particularmente em relação aos meios rurais, à Auto-construção espontânea, cuja denominação é distorcida para compra ou aquisição de casa própria!

O Auto-construtor procura fazer tudo por suas próprias mãos, com a ajuda de amigos e familiares. Não é um empresário, um comerciante, um industrial — um vulgar contribuinte. É o mais respeitável

Investidor do País (deveria ser...), qual Herói vergonhosamente esquecido, que sofre as passas do Algarve em caminhadas burocráticas de toda a ordem, longos dias e horas e dinheiro perdidos em circuito disperso e empolado de empatocracia. Tudo somado, em termos económicos, dá um juro quase tão oneroso (pelo menos moralmente) como o do capital!

Não se constroem mais casas no interior do País (uma verdade que, parece, ninguém quer saber) exactamente por isso, por não haver quem bote a mão ao Auto-construtor. E também porque, na generalidade, só olham para as carências dos meios urbanos!

Não vamos ao ponto de re-

Dizem-me os Rapazes da Administração que os novos assinantes conseguidos em nossas andanças dominicais, têm sido muito cumpridores na sua retribuição. Fica-lhes muito bem e estamos todos de acordo!

Pai Américo costumava festejar os que mandavam a sua inscrição «e dinheirinho à frente». Devo dizer que assim querem fazer muitos dos que nos dão o nome. Mas não é possível estarmos com contas, naquela hora apressada das saídas da Missa, nem convinha que assim fosse enquanto os serviços postais (Não acuso ninguém, mas é um facto!) tiverem tão à mão o carimbo: DESCONHECIDO.

Tem sido uma constante em todas as terras da cintura do Porto por onde temos passado, muitas das quais ainda sem ruas baptizadas nem números de polícia, as devoluções com aquele título. Nós lá voltamos, importunando os Párcos e pessoas de boa vontade que conhecem o meio, procurando acertar o que não esteja certo. Registamos da parte destes

muitas admirações: — «Mas, então, F. — que é membro da Junta, ou responsável de partido, ou desempenha qualquer outro posto de relevo social na freguesia — é desconhecido?!» Mas a verdade é que o jornal volta para trás com a dita nota e de alguns não há que fazer senão cortá-los do ficheiro. Custam-me tanto estes nados-mortos!

De todas as terras a que leva a «camisola amarela», neste ponto, é a freguesia de Pedroso, mais conhecida pelo seu lugar-centro, os Carvalhos. Eu faço daqui um apelo aos novos assinantes a receber o jornal regularmente, que passem palavra aos vizinhos que ainda o não receberam e lhes peçam que nos indiquem num postal a morada exacta e previnam os carteiros da sua zona para que o jornal lhes seja entregue. Nos Carvalhos é uma boa trintena de assinantes que ainda o não toparam. Não haverá por lá um carteiro dorido, que se imponha mesmo a missão de descobrir tantos «desconhecidos»...?

Padre Carlos

ferir a imperiosa necessidade de tornar mais acessível a concessão de lotes para Auto-construção — legislação que permanece tabú... Ao menos, e é o motivo principal desta nota — quando será feita a racionalização ou simplificação de todo o processo burocrático que beneficie capazmente o Auto-construtor dos meios rurais?

Antes da escritura vai a papelada aos Serviços de Agricultura (sede do distrito... ou à capital!). Primeira demora. Depois (se for caso disso) o Auto-construtor requer a viabilidade de construção. Mais tempo perdido. A seguir, entra nos domínios do projecto, das licenças... Meses para cá, meses para lá! Por fim, já debilitado, física e moralmente, começa a construir a moradia até apertar o último furo do cinto — no monte do Calvário! E ninguém lhe dá a mão. E a ninguém dói a consciência pelos bloqueios de que estas famílias são vítimas! E muito boa gente se queixa da clandestinidade... Ela existe, em grande parte, verdade seja, exactamente porque a legislação não se coaduna com as imperiosas necessidades do País que somos.

Se quem tem a faca e o queijo na mão sofresse um pouco do muito que sofrem os

Pobres, os Auto-construtores, em defesa de um direito que assiste a todos os mortais — ter casa — não dormiria em paz enquanto não resolvesse estoutro parte do problema mais grave do nosso País...

Júlio Mendes



Casamento do Manuel de Sousa e Maria Otília

FESTAS

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª página

E, pois, a nossa tournée recheada de momentos muito diversos, mas todos eles cheios de significado. A tournée con-

tinua e continua em nós a esperança de não sermos esquecidos, mas antes amados por tantos, tantos, que nos trazem no coração.

Padre Abel

ZONA NORTE

MAIO

3, às 11 h da manhã — COLISEU DO PORTO

Bilhetes à venda nas bilheteiras do Coliseu.

6, às 21,30 h — Amarante Cine-Teatro
AMARANTE

8 " " " — Cine-Teatro João Verde
MONÇÃO

15 " " " — Cine-Teatro Ribeiro Conceição — LAMEGO

ZONA CENTRO

MAIO

3, às 15 h — Cinema do Casino Peninsular
FIGUEIRA DA FOZ

Bilhetes à venda na Tulmar.

8, às 21,30 h — Teatro-Cine da COVILHÃ
Bilhetes à venda: Jerónimo Santos (Seguros).

9, às 15,30 h — Cinema Gardunha - FUNDÃO
Bilhetes à venda: Casa da Beira.

10 " " " — Cine Teatro Avenida
CASTELO BRANCO
Bilhetes à venda: Casa Pinto, Papeterias Semedo e Elias Garcia.

15, às 21,30 h — Cine Teatro de TOMAR
Bilhetes à venda: Armazém Barateiro.

23 " " " — Salão dos Bombeiros
CANTANHEDE

24, às 15,30 h — Teatro Alves Coelho
ARGANIL

29, às 21,30 h — Teatro José Lúcio da Silva
LEIRIA

JUNHO

5, às 21,30 h — Cine-Teatro Império - LOUSÃ

6 " " " — Teatro de ANADIA

13 " " " — Cine-Teatro Messias
MEALHADA

ZONA SUL

MAIO

8, às 21,30 h — Luisa Tody — SETÚBAL

9 " " " — Sociedade Quinta do Anjo
PALMELA

10 " " " — Humanitária de PALMELA

10, às 11 h da manhã — MONUMENTAL
LISBOA

16, às 15,30 h — Cine dos Bombeiros Voluntários — LOURES
Bilhetes à venda nos locais do costume.

Cont. da 1.ª página

A Páscoa é, em si mesma, festa da vida, fermento de dinamismo ao serviço da paz, da justiça e do amor. Para que o seja, porém, é preciso que cada homem se revista da Sua força, empenhando-se devotada e entusiasmadamente, ao dispor do seu semelhante, numa celebração viva da Ressurreição do Senhor. Enquanto houver, todavia, alguém esquecido, preterido ou marginalizado, por culpa ou omissão, a vitória sobre a morte ainda não será. E é triste, mesmo deplorável, dado que Cristo sofreu, morreu e ressuscitou por todos.

● As últimas disposições referentes às Caixas de Previdência trouxeram às Instituições sérios problemas, agravando as suas condições de

vida e dificultando a sua acção. Estamos em crer que, por lapso, já que outra explicação nos repugna. Entretanto, como ainda não recebemos qualquer resposta à legítima reacção, a seu tempo tomada, aqui fica o reparo. Sim, porque entendemos não ser justo pagarmos consultas, radiografias e análises, para lá de outros serviços, quando nos dispomos a receber as crianças carenciadas, sem família ou abandonadas que, sobretudo nos primeiros tempos de permanência nas Instituições, muito precisam de assistência médico-medica-mentosa. É sempre tempo de corrigir os lapsos havidos.

● Para a história aqui fica o «flash». Em 1975, como muitos dos Leitores se lembrarão, a Clínica de Santa Cruz, a Carnaxide, foi ocupada e tornada inoperante, para, após,

ser nacionalizada. Depois de muitos anos fechada reabriu há poucos meses, integrada nos serviços hospitalares da Capital.

Como todos sabem, nós vivemos essencialmente do trabalho. A nossa tipografia fornecia obras para a referida Clínica e, na altura da sua ocupação, tínhamos a haver cerca de 130 contos. Só que, talvez por sermos uma grande multinacional ou indesejáveis exploradores, nunca mais recebemos o produto do nosso trabalho. Bem quisera os então proprietários pôr à disposição dos credores o activo existente, que ultrapassava o passivo! Os tribunais tomaram conta do assunto mas continua tudo por resolver, que a Justiça é como o caracol. Se algum dia viermos a reaver algo, com a desvalorização da moeda, pouco ou nada será.

São desabafos...

Padre Luiz

Uma curiosidade

Uma herança em que várias Instituições de Assistência são contempladas com legados e entre eles o Calvário e o Lar Operário de Lamego, obrigou-nos a intervir para não complicarmos a vida a outros. Há que apresentar certidão de identidade da Obra, requerimentos de isenção de imposto sucessório... e esperar que o testamenteiro entregue as importâncias.

Em regra os processos arrastam-se por muito tempo.

Outro dia passei pela Instituição testamentária.

— Como vai aquela história dos legados? — perguntei.

E soube que ainda demorada porque pendente de um processo de inventário que corre em Tribunal.

— Inventário?... — retorqui surpreso.

— É verdade. O artigo 2053º do Código Civil equipara as Pessoas Colectivas de Utilidade Pública à situação do menor, do interdito, do inabilitado, de modo que a herança só pode ser deferida mediante inventário judicial. Já foi requerido. Temos que aguardar.

Por nós não temos prêsna nenhuma.

Não vivemos de bens de mão morta e o jeito que eles possam fazer tanto é hoje como amanhã. Mas ficou-nos atravessada a assimilação que a lei prescreve. Então uma Instituição

de Utilidade Pública com Estatutos aprovados, com Órgãos Directivos responsáveis, a maior parte delas que nem são como nós uma «desorganização organizada» — será menor?; será interdita?; será inabilitada? Algumas com dezenas e até séculos de existência, como as Misericórdias e outras — estarão ainda na infância?; não cresceram e deram provas de quem são?; estão-lhes perpetuamente vedada a maioridade? E se de utilidade pública reconhecida pela lei — não será a lei contraditória ao pô-las na posição de um interdito? Ou serão inábeis para receber um bem, elas que se multiplicam na produção e distribuição de tantos bens?

Eu não percebo nada de leis e estou-me arriscando a que caiam sobre mim os peritos, escandalizados pelo atrevimento. Por isso me fico só em in-

terrogações que é a condição da ignorância.

Mas uma fonte de sabedoria mais antiga e mais universal que o Direito Positivo, a Voz do Povo, diz que «quem não se sente, não é filho de boa gente». E por acaso senti-me com esta equivalência que estabelece o artigo 2053.º do Código Civil Português. Será que ele é certo e infalível?!

No Título de Filiação, sobretudo no seu Capítulo 14, tivemos há anos a oportunidade de discordar larga e profundamente de muito articulado então proposto. E aí tínhamos muito menos dúvidas da razão que nos assistia, porque não era de coisas que se tratava mas de pessoas; e o nosso fundamento era a vida, a vida digna, feliz, sem peias a priori, a que todo o homem tem direito.

Padre Carlos

